

Lidiane Silva Carvalho Batista

**O Festival de Teatro INSEF em Cena como Ação Pedagógica
e Ação Cultural.**

Universidade de Brasília – UnB

Brasília 2014

Lidianne Silva Carvalho Batista

O Festival de Teatro INSEF em Cena como Ação Pedagógica e Ação Cultural.

Monografia apresentada como conclusão do curso de Artes Cênicas, com habilitação em Licenciatura, no Instituto de Artes, do Departamento de Artes Cênicas, da Universidade de Brasília.

Orientadora Prof.^a Dr.^a. Roberta K. Matsumoto.

Universidade de Brasília – UnB

Brasília 2014

AGRADECIMENTOS

A Deus por permitir que tudo isso fosse possível. Aos meus pais, Vicente e Juscélia, pelo esforço dedicado a minha educação. Aos meus amigos que sempre me apoiaram. Aos mestres que abriram os meus olhos para o ensino do teatro. A equipe do INSEF pela liberdade e confiança a mim depositada para criar o Festival. Em especial aos meus alunos e ex-alunos, que me ensinaram a ensinar.

CARTA AO LEITOR

Como convidado do 4º Festival INSEF em Cena, além de ficar muito gratificado pelo convite da professora e amiga Lidianne Carvalho, fiquei surpreso com a qualidade dos trabalhos apresentados pelos alunos, seja quanto às interpretações ou as propostas das cenas dos jovens atores.

Depois de muito observar todo Festival, aguardando ansioso pela minha cena, pude perceber que a qualidade dos trabalhos dos alunos estava diretamente relacionada com a disciplina, dedicação e respeito que eles mostravam ter com o evento. Este estágio de cuidado e zelo que observei, presumo que difícil de se fazer alcançar em adolescentes, certamente é fruto de uma didática sólida, forte, capaz de transmitir a difícil e delicada habilidade de sonhar, de imaginar, de brincar – cada vez menos explorada no mundo contemporâneo. O meu respeito e admiração pela arte teatral foram determinados pelo ângulo como vi, ou foi me apresentado, o teatro; e se hoje valorizo esta arte, agradeço aos primeiros mestres que com muito esforço e suor conseguiram me mostrar a beleza da coisa.

Então acredito que professores e empreendedores – pois de certa maneira estão investindo no futuro que logo lhes retornará – como a professora Lidianne Carvalho certamente formará futuros apreciadores, apoiadores e, claro, atores da arte teatral; estudantes que têm – privilegiados que são – a oportunidade de aprenderem com alguém que de fato ama o que faz.

Então parabéns, Lidianne. Espero que você continue criando público inteligente para que eu e meus amigos sempre possamos viver de teatro.

Marcos Davi,

05 de Dezembro de 2012.

RESUMO

Este trabalho expõe e analisa a trajetória de seis anos do Grupo de Teatro INSEF em Cena (formado por estudantes do Ensino Fundamental II do Instituto de Educação Fênix – Ceilândia DF). Ao apresentar os procedimentos adotados pela educadora Lidianne Carvalho para a elaboração do Festival de Teatro INSEF em Cena, buscamos identificar os elementos constituintes do Festival como ação pedagógica e cultural, demonstrando a relevância da proposta no ensino do teatro. Esperamos assim, colaborar para que esse tipo de projeto seja valorizado pelas instituições de ensino de modo a se tornar uma ação continuada.

Palavras chave: Festival de Teatro, Ensino de Teatro, Ação Pedagógica, Ação Cultural.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	03
CARTA AO LEITOR.....	04
RESUMO.....	05
INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO 01.....	09
O INÍCIO: DAS AULAS AO FESTIVAL / DA PROFESSORA À ARTE EDUCADORA	
CAPÍTULO 02.....	20
FESTIVAL COMO AÇÃO PEDAGÓGICA	
1. Conceito e finalidades do Festival.....	21
2. O perfil do estudante formado pelo INSEF em Cena.....	24
3. Especificidade do Festival.....	26
3.1 Plano de Ensino.....	26
3.2 Seleção.....	28
3.3 Regulamento.....	30
3.4 Festival de Teatro INSEF em Cena.....	30
3.5 Premiação.....	33
3.6 Retorno – Avaliação.....	35
CAPÍTULO 03.....	36
FESTIVAL COMO AÇÃO CULTURAL	
CONCLUSÃO.....	46
REFERÊNCIAS.....	48
ANEXOS.....	49
Anexo 01.....	49
Anexo 02.....	51
Anexo 03.....	53
Anexo 04.....	54

INTRODUÇÃO

Há alguns anos, foi-me dada à missão de ministrar aulas de teatro aos estudantes do Ensino Fundamental II do Instituto de Educação Fênix – INSEF (Ceilândia). Iniciei em 2008, recém completado 18 anos, com três turmas, uma pela manhã e as outras duas no turno da tarde. O teatro é uma das várias modalidades extras curriculares desta escola, na qual os estudantes escolhem qual modalidade cursar. A abertura de novas turmas segue de acordo com a demanda e o preenchimento das 20 vagas por turma.

As atividades teatrais passaram por inúmeras modificações, devido a circunstâncias espaciais, normas da escola e percepção do que seja ensino de teatro. Durante os dois primeiros anos fui remanejada, com meus educandos, para espaços improvisados da escola, tais como o almoxarifado e laboratório de informática, entre outros; neste período havia obras em andamento, para construção de novas salas de judô e dança e um auditório. Até a finalização da obra, muitas dificuldades surgiram no caminho para a realização da prática teatral no INSEF. As inquietações iam além do espaço físico inadequado. Permeavam principalmente o campo do saber, isto é: elaborar aulas embasadas em teorias e práticas do teatro. Até este momento, minha formação tinha sido por meio do ensino informal, as poucas e únicas oficinas das quais fiz parte foi com o diretor Plínio Mósca, em 2005; com a atriz, escritora e diretora Cristiane Sobral, em 2008; e, por fim, com o ator e humorista Edson Duavy, em 2009. Diante dessas e outras experiências, iniciei um projeto, anteriormente chamado de Festival de Interpretação INSEF em Cena (2009 - 2011), na tentativa de encontrar respostas para os questionamentos que vinham surgindo na prática de sala de aula. O ingresso no curso de Licenciatura em Artes Cênicas na Universidade de Brasília influenciou diretamente na elaboração do plano de aula e, conseqüentemente, no crescimento do projeto, hoje nomeado Festival de Teatro INSEF em Cena (2012 - 2014). Na medida em que percorria as disciplinas, buscava de alguma forma expandir ou aperfeiçoar o que estava realizando no INSEF.

Dessa maneira, novos parâmetros artísticos precisavam ser articulados entre educadora, coordenação e educandos, para que a comunicação do grupo escolar viesse a ser mais ampla, expandindo para o âmbito familiar e comunidade. Neste trabalho procuro compreender o ensino de teatro, as preocupações, dúvidas e curiosidades que foram surgindo: o processo da formação acadêmica e os fatores que influenciaram no

preparo para a função de estar à frente de um grupo de teatro na escola e também a intuição que impulsionou a elaboração do Festival, sua realização e significado.

Divido este trabalho, em três capítulos: o primeiro trata da experiência e a autoaprendizagem, questionamentos que impulsionaram a elaboração do Festival, a formação de uma identidade como professora e a metodologia aplicada durante esses anos de prática; o segundo descreve a estrutura do Festival e como ele foi construído ao longo dos anos, as contribuições e mudanças do curso em Artes Cênicas na UnB, e principalmente como ação pedagógica de uma instituição de ensino; e por último, o terceiro capítulo vem trazer o Festival como uma ação além da pedagógica, mas uma ação cultural, no qual se cria um espaço de interação efetiva com a família e consequentemente com a comunidade, a formação de plateia, a ampliação do olhar artístico, a troca de conhecimento e o estabelecimento de um espaço que favoreça a experiência, que é por onde este trabalho se baseia: no desenvolvimento do indivíduo por meio do fazer teatral.

CAPÍTULO 1 – O INÍCIO: DAS AULAS AO FESTIVAL / DA PROFESSORA À ARTE EDUCADORA

O que é ser professor? O que é necessário para exercer tal profissão? Possuir apenas o diploma de curso superior? Qual é a melhor postura a ser adotada em sala de aula? Entendo que tais questionamentos permeiam toda prática docente, principalmente daqueles que lecionam por título inadequado¹, porém o objeto de estudo aqui não está na contratação de habilitados ou não habilitados, mas no profissional que se identifica como professor.

Quando iniciei a prática docente, aos 18 anos de idade, muitos questionamentos surgiram, pois além de não possuir uma habilitação autorizando-me a estar frente às turmas, nunca antes tinha sido professora. Então, como mediar o saber teatral para estudantes do Ensino Fundamental II? De que forma estruturar a didática e metodologia a ser trabalhada? O primeiro passo foi dado: fazer uso de toda vivência estabelecida com o teatro até então; peças e trabalhos realizados como estudante; teatro amador de igreja; oficina de teatro em 2005 conduzida por Plínio Mósca²; e o preparatório para a prova de Habilidade Específica da Universidade de Brasília – UnB, em 2008, ministrada por Cristiane Sobral³. Na escola, um espaço para a diversão, momento com os amigos, foi o primeiro contato com o teatro. Já o segundo, em um ambiente diferente do âmbito escolar, de interesses, de discursos e de pessoas com faixa etárias distintas. A disciplina e responsabilidade se fizeram claros apenas com o terceiro contato com o teatro e o quarto, permitiu identificar os objetivos e metas necessários para qualquer processo de criação. Logo, deparei-me com quatro momentos diferentes ao longo da adolescência, quatro contextos distintos com apenas algo em comum: o teatro e uma vontade, ainda não clara e compreendida, de fazer teatro. Diante desta reflexão e do novo desafio, transformei-me e pude construir um espaço favorável para que a experiência também possa se dar para o estudante. Dessa maneira, como tornar o teatro interessante e divertido, com liberdade de discurso, ensinando disciplina e compromisso e com objetivos e metas a serem alcançados?

¹ A legislação brasileira regulamenta o exercício docente somente aos habilitados, porém a mesma permite o exercício da docência aos não habilitados.

² Diretor de Teatro com formação em: Bacharelado de Artes Cênicas da Fundação Brasileira de Teatro – Teatro Dulcina e Curso Superior de Tecnólogo em Produção Cênica da Faculdade Monteiro Lobato em Porto Alegre- RS.

³ Atriz, Diretora de Teatro e escritora, com formação em: Bacharelado de Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília e Licenciatura em Educação Artística pela Universidade Católica de Brasília.

A busca do conhecimento teórico para a elaboração das aulas foi o segundo passo. Adquiri alguns livros, debrucei-me a ler e refletir na tentativa de que me auxiliassem no planejamento de aula. No entanto, durante muito tempo desta pesquisa, talvez alguns anos, não encontrei o que procurava, mas a todo instante agia por intuição respondendo a novas perguntas. As palavras do personagem EU, da obra *A arte do Ator* de Richard Boleslavski, logo na primeira página do primeiro capítulo, despertou-me para outras questões:

De manhã. Meu quarto. Uma batida na porta.

EU – Entre. *(A porta se abre, lenta e timidamente. Aparece uma Bonita Criatura de dezoito anos. Ela me fita com olhos bem abertos, assustados, e amassa violentamente a bolsa.)*

A CRIATURA – Eu... Eu... Eu ouvi dizer que o senhor ensina arte dramática.

EU – Não! Sinto muito. Arte não pode ser ensinada. Possuir uma arte significa possuir talento. Isso é algo que se tem ou não se tem. Você pode desenvolvê-lo com muito esforço, mas criar talento é impossível. O que faço é ajudar a quem decidir trabalhar no palco a desenvolver-se e educar-se para realizar um serviço honesto e consciente no teatro (BOLES LAVSKI, 2006, p. 21).

Apesar de talento não ser algo que considero como inato a algumas pessoas, posto que Fayga Ostrower em seu livro *Criatividade e Processos de Criação*, diz que criatividade é a essencialidade do ser humano que se dá por meio da interação de potencialidades individuais com possibilidades culturais:

Acrescentamos ainda que, como fenômeno social, a sensibilidade se converteria em criatividade ao ligar-se estreitamente a uma atividade social significativa para o indivíduo. No enfoque simultâneo do consciente, cultural e sensível, qualquer atividade em si poderia tornar-se um criar (OSTROWER, 2013, p. 17).

Mesmo não sendo formada em Artes Cênicas, não possuindo um diploma de Interpretação Teatral, compreendia que era preciso buscar meios e soluções para exercer um trabalho sincero com os meus limites e também, honesto com todos os envolvidos. Entender, a cada dia, o teatro na escola como uma maneira de ajudar, orientar quem decidisse “trabalhar no palco”, a desenvolver-se e educar-se, tal compreensão me permitiu nortear e estruturar minhas ações.

Em um ano, todos os jogos que eu tinha tido contato no teatro até então, já haviam sido aplicados em minhas aulas. Fazer uso dos jogos teatrais vivenciados até ali, já não eram suficientes, mesmo com adaptações de comandos, estratégias e objetivos. Iniciei a leitura da obra *Jogos Teatrais* de Ingrid Koudela, buscando alimentar-me de

conhecimento teórico prático. A sistematização do ensino de teatro e questionamentos apresentados por Koudela forneceu-me importantes subsídios. No entanto, o material teórico, pelo qual estava à procura, para adquirir propriedade dos temas que envolvem o teatro, tendo assim mais segurança em sala de aula, ainda não tinha sido encontrado. Matriculei-me, em 2009, na oficina de teatro Circo Íntimo, dirigido por Edson Duavy⁴. Permaneci oito meses entre oficina e montagem⁵. Aproveitei a maioria dos jogos que tive contato nas aulas práticas com o grupo, em minhas aulas na escola. Continuei adaptando os jogos, pois a linguagem adulta é diferente da linguagem do indivíduo que está em plena adolescência. Cada dia era um desafio, como os envolver, conquistá-los, fazer despertar o interesse e curiosidade para o teatro. Aos poucos a postura em sala de aula foi sendo estabelecida e adquirindo maturidade. Neste momento, após dois anos de prática escolar, comecei a me enxergar como educadora. O desejo de ampliar o olhar artístico daqueles jovens me envolvia, e continua me motivando. O contato uma vez estabelecido com o teatro moveu-me a proporcionar novas condições para que outras pessoas também pudessem conhecê-lo. A partir daí comecei a refletir a respeito de outras possibilidades para além da sala de aula, dos jogos e das apresentações do calendário escolar. Acreditava, que havendo um projeto, no qual os estudantes pudessem se expressar, se desafiar, um espaço de troca entre os próprios estudantes, a compreensão e assimilação da arte dos palcos passariam a ser mais concreta, indo além dos jogos de sala de aula. Trata-se de possibilitar uma experiência. A experiência possui alguns momentos, e Ingrid Koudela diz que há uma conexão entre duas fases:

Mera atividade não é experiência, pois ela envolve uma mudança. E essa mudança só pode se processar quando a atividade é conscientemente relacionada com as consequências que provêm dela. [...] Portanto, “aprender por meio da experiência” significa o estabelecimento de um relacionamento entre antes e depois, entre aquilo que fizemos com as coisas e aquilo que sofremos como consequência. Nessas condições, fazer torna-se experimentar (KOUDELA, 2006, p. 30).

O antes e o depois, uma constante transformação. As experimentações apontadas aqui, anterior à sala de aula, me fizeram compreender que, mesmo com muito esforço para ministrar aulas práticas de teatro, não era o suficiente, era apenas o começo, e os questionamentos levantados após algumas leituras impulsionaram-me para uma

⁴ Ator, humorista e diretor teatral.

⁵ Atuou como integrante da oficina de teatro, como atriz na montagem do espetáculo: Nau dos Insensatos apresentado, em 2009, no Teatro Candanguinho – Sudoeste.

pesquisa mais sólida sobre o teatro. O aprendizado artístico foi se transformando em processo de produção de conhecimento. Logo, a construção da identidade profissional veio surgindo a partir do momento em que dei significado social a profissão, além da análise constante do comportamento do educador, tanto daqueles dos quais fui aluna como dos que atualmente são colegas de trabalho.

Do confronto entre teorias e práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias, constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor conferem à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida: o ser professor. Assim, como a partir de sua rede de relações com outros professores, nas escolas, nos sindicatos e em outros agrupamentos (PIMENTA, 1997, p. 7).

Portanto, para ser educadora e profissional do ensino do teatro, é necessário muito mais que a sede de realizar projetos e trabalhos, é necessário estudar, planejar, possuir propriedade e ter argumento. Mas a teoria sempre me faltou. Enquanto não ingressava no curso de Artes Cênicas na UnB, segui com a dinâmica da autoaprendizagem desenvolvida até então. E nesse sentido o livro *Jogos Teatrais Na Sala de Aula* de Viola Spolin auxiliou-me na estruturação do plano de aula e na construção de um olhar mais atento à espontaneidade do estudante. A estruturação se dá por uma sequência lógica de aquecimento, foco, jogos em grupo, em equipe e de compartilhamento que proporciona aos estudantes o aprendizado e amadurecimento para o saber se relacionar uns com os outros. Posterior aos jogos em grupo há divisão em trios, duplas até se chegar as experimentações individuais. A elaboração de pequenas cenas, seja em grupo ou individual, é bastante explorada nos 20 minutos finais dos encontros de 130 minutos, totalizando em média 50 encontros anuais. Trata-se de oficinas teatrais oferecidas pela instituição de ensino INSEF, sendo assim, para a sequência gradual dos jogos trabalhados com os adolescentes é necessário um planejamento anual.

Já se sabe que as oficinas de teatro possibilitam aos que participam aprimorar ou descobrir habilidades de concentração, interação com o grupo, desenvoltura em público e resolução de problemas. Isso ocorre porque os presentes estabelecem contato, se comunicam, experimentam, redescobrem-se e se recriam a todo momento.

As oficinas de jogos teatrais não são designadas como passatempos do currículo, mas sim como complementos para a aprendizagem escolar,

ampliando a consciência de problemas e ideias fundamental para o desenvolvimento intelectual dos estudantes (SPOLIN, 2008, p. 29).

Dessa maneira, com a formação do grupo de teatro no INSEF e sua estrutura, as aulas de teatro deixaram de ser um passatempo e muitas vezes atividade de divertimento do currículo, e passaram a ser um complemento de aprendizagem escolar, possibilitando a ampliação do olhar, o desenvolvimento intelectual e motor dos estudantes. Ou seja, a mobilidade extracurricular oferecida pela escola deixou de ser visto como apenas as aulas de teatro e passou a ser o Grupo de Teatro INSEF em Cena.

A prática pedagógica visa à aprendizagem e o desenvolvimento dos que se matriculam no INSEF em Cena, que são divididos em três turmas com aproximadamente vinte integrantes, com faixa etária que varia entre 10 a 14 anos. Assim, os jogos são estruturados através da intervenção pedagógica (calendário escolar), de escolhas feitas a partir do perfil das turmas (iniciantes e intermediário – este último refere-se aos que permanecem no grupo de um ano para o outro) e contexto social (comunidade ceilandense), não reproduzo a metodologia da Viola, uma vez que em seu livro estrutura aulas, oficinas prontas e sugere a condução do trabalho do educador. A obra de Spolin serviu como fonte para a escolha dos jogos teatrais a serem trabalhos, desde o aquecimento no início da aula a pequenas apresentações. Trabalhar com jogos foi extremamente importante para o estímulo e consolidação dos grupos de estudantes, pois como diz a autora, “Um jogo é um conjunto de regras que o jogador aceita compartilhar. As regras não restringem o jogador, elas fazem com que o jogador permaneça no jogo” (SPOLIN, 2008, p. 29).

O incomodo maior era: não ter a certeza se estava seguindo o caminho mais adequado com teatro na escola. O medo de ser questionada com fundamentos teóricos permanecia, pois como nos lembra Koudela:

Muitas práticas pedagógicas se restringem apenas à aplicação de técnicas desvinculadas de uma justificativa teórica, resultando no afastamento dos reais propósitos da ação educativa em relação às possibilidades de aprendizagem dos sujeitos (2005, p. 146).

O plano de aula que venho elaborando desde 2009 é a forma que encontrei para planejar e organizar as aulas de maneira prática e clara. Uma tabela dividida por data de cada aula e ensaios ao longo do ano, apresentações e eventos, e por último as atividades da própria aula, desde a chamada, os aquecimento, os jogos, as reflexões e os avisos.

A partir desta estruturação, percebi que o INSEF em Cena poderia ser maior e proporcionar um novo olhar, não apenas para os que ali estavam matriculados. De início não era claro como seria, de que maneira iria conduzir o que chamara de Festival de Interpretação: se todos os estudantes iriam participar, se haveria prêmios e etc. Porém, havia apenas as seguintes certezas: que era preciso ir além dos jogos teatrais e que o teatro na escola poderia ser mais amplo e atingir lugares maiores do que divertimento extracurricular. Era preciso um momento em que eles fossem livres para criar e se apresentar. Surgiu assim, timidamente, a ideia de um festival de interpretação, com o objetivo de dar voz e espaço para que os estudantes pudessem experimentar o que fosse de escolha deles, se desafiar, colocando em prática os conhecimentos e habilidades desenvolvidas no INSEF em Cena.

No ano de 2009 realizamos o 1º Festival de Interpretação INSEF em Cena. Alguns estudantes haviam preparado cenas criadas por eles. Convidei dois professores, o de geografia Wendel Souza e o de história Daniel Arruda, para serem os jurados, pois na época ambos demonstravam interesse para com o teatro, como mostra a foto dos jurados com o ganhador do primeiro lugar Gustavo:



Fonte: Gleydson Lima (2009).

Não houve a presença da equipe de coordenadores e direção, apenas autorizaram realizar o evento no auditório e forneceram uma pequena quantia em dinheiro para a compra dos prêmios. Assim, o 1º Festival foi realizado com uma estrutura pedagógica frágil, mas foi a partir dele que a semente germinou e floresceu. A complexidade da

elaboração de um projeto surge na construção de sua metodologia, como nos indica Koudela:

A metodologia do ensino constitui-se em uma atividade de natureza bastante complexa que se torna objetiva somente quando é convertida em procedimento voltado para a superação do apriorismo, do dogmatismo e do espontaneísmo, com vistas à interação entre a cultura elaborada e a produção permanente do conhecimento (2005, p. 146).

A tomada de consciência sobre a importância pedagógica e criativa dos jogos se deu a partir do curso de Artes Cênicas na UnB, iniciado em 2010, pois novos jogos foram explorados, novas fontes surgiram e a sede de fazer melhor estava cada vez mais presente.

Com a semente de um festival em mãos e uma compreensão mais ampla e profunda dos jogos, reorganizei o plano das aulas em dois módulos ou semestres, o primeiro que vai do primeiro dia de aula, até o último encontro que antecede as férias; o segundo do retorno das férias, até o último dia de aula após o festival. O 1º Semestre é voltado para a percepção em grupo, do coletivo, a linguagem cênica, o desenvolvimento por meio dos jogos, das habilidades e das potencialidades dos que participam. Os estudantes tem então, contato com diversos jogos, como: de aquecimento, jogos de movimento e ritmo, caminhadas no espaço, jogos de transformação, jogos como parte de um todo, para que possam ampliar o olhar artístico e consigam se perceber no espaço, na cena, no processo criativo, seja teatral ou não.

Spolin sugere que o processo de atuação no teatro deve ser baseado na participação em jogos. Por meio do envolvimento criado pela relação de jogo, o participante desenvolve liberdade pessoal dentro do limite de regras estabelecidas e cria técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo. À medida que interioriza essas habilidades e essa liberdade ou espontaneidade, ele se transforma em um jogador criativo. Os jogos são sociais, baseados em problemas a serem solucionados (KOUDELA, 2006, p. 43).

O 2º Semestre é destinado ao processo de construção das cenas, construção de personagens e improvisações, que possibilitam o encaminhamento para o Festival realizado no final do ano letivo. Este é o período mais específico para que se chegue ao Festival, ou seja, no primeiro momento são jogos teatrais, com regras que possibilitam a socialização e o segundo com jogos dramáticos que permitem o subjetivo. Alguns dos jogos utilizados neste segundo semestre são: jogo do espelho; Onde?, Quem?, O que?; comunicar através de palavras; comunicando com sons; desenvolvimento material; atuando com envolvimento da plateia. Uma vez trabalhado os jogos teatrais e

dramáticos durante os encontros ao longo do ano, o Festival no final do ano apresenta-se como uma possibilidade para os estudantes de materializarem, darem forma aos conhecimentos apreendidos e compartilhados. No entanto, para alguns, sejam pais ou professores, o Festival é visto como apenas o encerramento de uma modalidade que a instituição oferece, não compreendendo o caminho percorrido e o caminho que se percorre após o Festival. Apresento abaixo uma tabela para que se possa ser visualizado melhor este processo:

Meses/Ações	Fev	Mar	Abril	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Aulas	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X
Apresentações		X		X			X		X		
Seleção									X		
Festival										X	
Avaliações			X		X			X		X	X

No questionário aplicado (ver anexo 01), no dia 27 de Setembro de 2013, aos estudantes que compõem o grupo de teatro da escola, pedi para que descrevessem a visão que possuíam até aquele momento das aulas de teatro, além de investigar se as aulas de teatro ajudam no processo criativo para se chegar ao Festival, 53 estudantes responderam, sendo que desse total, 48 disseram que sim. O que constata o olhar atento de 91% dos envolvidos. A surpresa veio com as justificativas⁶:

Os jogos são trabalhados e exigem muita atenção e preparo, com eles meu desenvolvimento em reflexos, percepção e atenção. Podem ser repetitivos e até mesmo cansativos às vezes, mas é a melhor forma de melhorar nossas habilidades não só teatrais como as outras. Acho que não há jogo o qual eu não goste, pois, são muito legais e junto com os amigos, elas ficam cada vez melhores, acho que não há brincadeira tão legal quanto uma feita com os amigos. Não tenho preferência para jogo algum até porque preferia ter esses jogos a aulas teóricas e cansativas. Até então eu tinha uma percepção muito diferente do teatro e achava que era apenas pegar um texto, decorar, ensaiar e apresentar, mas quando entrei no teatro que vi o tanto de brincadeiras que fazíamos achei que aquilo era gozação com minha cara, mas após algumas aulas percebi o quanto aquilo tinha mudado em mim e então eu percebi que aquelas brincadeiras haviam me mudado em praticamente tudo. Não acho que deveria mudar algo porque os jogos já são suficientes, mas se tivesse que mudar que mudasse para melhor (Luiz Henrique, 14 anos).

Muitos deles referem-se ao termo cansativos e repetitivos, posto que alguns jogos são trabalhados mais de uma vez em sala de aula, com o objetivo de fazer com que todos tenham contato com o mesmo jogo outra vez, e assim, possam experimentar

⁶ Todas as respostas dos questionários e entrevistas foram transcritas tal como o original.

outras possibilidades de formas e maneiras diferentes. Com isso, o processo de assimilação e percepção do indivíduo se dá ao longo do tempo, como é o caso do estudante Luiz Henrique, que faz referência aos jogos como: brincadeiras que proporcionaram mudanças em praticamente tudo, seja no teatro ou no convívio com os colegas.

Os jogos ajudam no desenvolvimento das cenas e principalmente no desenvolvimento dos atores. Muitas vezes eles são cansativos, mas depois de um tempo fica visível o propósito do jogo, por isso são dinâmicos. Um dos melhores jogos é o Ratata, principalmente antes de uma apresentação, pois deixa os atores enérgicos e mais preparados para a peça. Não mudaria nada, os poucos jogos que eu conheço são muito bons (Isabela Lima, 14 anos).

Dentre os jogos aproveitados da Oficina Circo Íntimo, citado anteriormente, o Ratata é bastante pedido pelos estudantes, nos aquecimentos e principalmente na concentração que antecede as apresentações. Ele consiste em uma sequência de movimentos coordenados com duas estrofes, todo o grupo deve estar em roda olhando uns para os outros:

Ratata
Ratata
Guli Guli Guli
Ratata (2x)

Auêê
Auêê
Guli Guli Guli
Ratata (2x)

O nível da velocidade aumenta gradativamente, sendo velocidade 1 nível normal, 2 rápido, 3 muito rápido, 4 rapidíssimo e 5 o mais rápido que conseguir ou velocidade máxima. Em poucos instantes é produzida uma espera de calor e conseqüentemente energia em grupo.

Eu adoro os jogos cênicos eles são muito interessantes, e em minha opinião ajuda muito no meu desenvolvimento na realização das cenas, em interpretação e outros. Os meus jogos preferidos são o Aquecimento 1,2,3 e 4; e também os de mudança de velocidade em cena (do lento, para o rápido etc.). Olha, eu sei que não tem nada a ver eu colocar isso aqui, mas eu queria dizer que o teatro me ajudou muito a valorizar e olhar por outros lados das cenas. Eu consegui ver que não é simplesmente chegar lá e fazer a cena, mas que o ator tem outro grande trabalho "por detrás das cortinas", ele tem que ter uma grande preocupação também com a interpretação e com o que a plateia vai achar da cena (Amanda Costa, 11 anos).

O aquecimento, citado pela estudante Amanda Costa, também se refere a um dos jogos retirados da Oficina Circo Íntimo. Cada número significa uma ação a ser realizada rapidamente, sendo: 1 atirar, 2 espirar, 3 saltar e 4 morrer. O professor alterna a ordem de execução de diferentes sequencias aumentando a complexidade, por exemplo: 3, 2, 1 e 4; 2, 4, 1 e 3; 1, 1, 2, 2 e 1; 3, 3, 4, 1 e 2; e assim por diante.

O nível crescente de complexidade é determinado pelas propostas de jogo que o orientar faz para o grupo. Ele atua como um diagnosticador, que observa e propõe problemas para solucionar problemas. Por assim dizer, expõe o grupo a uma experiência teatral, através da sequencia de jogos (KOUDELA, 2006, p. 47).

A concentração e o foco estão sendo articulados desde o aquecimento, visto a necessidade de fazer com que os estudantes desliguem-se do mundo externo e passem a participar inteiramente da aula de teatro, além disso, é a partir do aquecimento que se inicia o trabalho de memorização, raciocínio rápido, percepção, velocidade, execução dos objetivos e principalmente o foco.

O aspecto didático do Foco é determinado por um duplo referencial. A delimitação do campo de jogo garante o envolvimento do participante em cada momento do processo. O nível de concentração é uma variável individual e uma resposta iniciada pelo jogador. O segundo referencial é a função que o foco exerce no processo. Através do Foco, a matéria (Teatro) é apresentada de maneira segmentada, sendo a “técnica” substituída pela exploração e descoberta de unidade mínimas da linguagem teatral (KOUDELA, 2006, p. 47).

Ainda sobre a justificativa da Amanda Costa, quando diz “olhar por outros lados das cenas”, entende-se que, foi a partir das aulas de teatro que a visão sobre estar em cena mudou, se antes era entrar e fazer a cena simplesmente, agora se compreende que há uma preparação anterior com ensaios, leituras e estudos, e não apenas do texto, mas também da movimentação da personagem.

Mesmo não possuindo tal retorno dos estudantes na época, ao longo dos anos sabia que de uma forma ou de outra estavam compreendendo o propósito das aulas de teatro, seja pela observação ou pela fala dos estudantes no dia a dia escolar. A elaboração de dois módulos, ou dois semestres, ajudou a organizar o calendário das atividades escolares e conseqüentemente a metodologia para alcançar os objetivos, de assimilação e aprendizado dos estudantes. Não é o objetivo aqui estabelecer um método de ensino do teatro, cabe a cada professor buscar e adequar à metodologia e a didática de acordo com a própria vivência, formação e contexto escolar. A trajetória relatada

aqui é a caminhada e as escolhas feitas para a análise da construção do Festival de Teatro INSEF em Cena, objeto desta monografia. No próximo capítulo detalharei a estrutura e consolidação do Festival, visto que muitos questionamentos impulsionaram para que novas decisões fossem tomadas: Por que não abrir as portas do INSEF em Cena para os familiares e comunidade? Por que não há um regulamento que estabeleça regras, no qual os estudantes tenham que obedecer chegando assim ao Festival? Qual seria a conduta adequada para dar voz a esse projeto? De que maneira as aulas poderiam conduzir os estudantes para a cena? Qual diálogo deveria ser estabelecido com a equipe pedagógica?

CAPÍTULO 2 – FESTIVAL COMO AÇÃO PEDAGÓGICA

O Instituto de Educação Fênix – INSEF – localiza-se em Ceilândia, na nona região administrativa do Distrito Federal. Por estar situada em uma região periférica a 24km de Brasília (Plano Piloto) – apesar de ser uma instituição privada, o índice de violência e pobreza refletem no contexto escolar. Os pais e/ou responsáveis além de questionarem sobre a distância – a maior parte das atividades culturais está concentrada no Plano Piloto – também não possuem o hábito de ir a eventos culturais mesmo locais, o que dificulta a compreensão do teatro na educação.

No mundo contemporâneo, no qual as desigualdades sociais e econômicas tornam-se cada vez mais acentuadas nos países em desenvolvimento, a arte tem sido tratada como algo supérfluo. Porém, a experiência artística é uma necessidade de todo ser humano, como afirma Vygotsky (2001). Na escola, o ensino de artes tem priorizado as artes visuais, ainda que pouco a pouco a dança, o teatro e a música venham ganhando espaço (OLIVEIRA, 2010, p. 96).

Há uma tentativa de mudança desse quadro. Com a inauguração do SESC da Ceilândia – Newton Rossi, espetáculos, exposições e oficinas estão mais próximos da população ceilandense, no entanto, existe uma falha na divulgação dos eventos na própria região. É preciso uma comunicação mais direta e significativa entre a comunidade, a administração e as instituições. Na tentativa de interferir positivamente neste quadro, criei um blog: insefemcena.blogspot.com.br e uma página na rede social *Face book*. Nele os pais e/ou responsáveis podem acompanhar as atividades do grupo de teatro da escola e, conseqüentemente, podem ter acesso à agenda cultural do Distrito Federal.

O primeiro Festival surgiu por meio de inquietações. O segundo não foi diferente, pois veio para ampliar ainda mais a percepção de todos sobre as artes cênicas. Além dos familiares não possuírem o hábito de frequentar espaços e eventos culturais, a própria equipe escolar, como professores, também não têm esse costume. A visão de teatro estava imatura e com poucos referenciais artísticos. Dessa maneira, o Festival abre as portas para todos aqueles que queiram assistir cenas preparadas pelos estudantes. Mas, antes desse passo, outros caminhos precisavam ser traçados para se chegar ao âmbito familiar, pois como explicita Guimarães:

A situação em que o profissional, após avaliar a realidade, acomoda-se a ela sem propor alternativas de melhoria, indica que a sua concepção técnica e política contribui para a conservação da sociedade como está. Trata-se de uma concepção que negligência o fato de a realidade ser

dinâmica e exigir novas posturas em função do interesse particular em manter a estrutura vigente (1998, p. 36).

Assim, após observar a realidade da comunidade, propus a mim mesma, aos estudantes e a equipe pedagógica um projeto mais sólido, com objetivos, justificativas e forma de execução. Um projeto que não fosse unicamente um evento para comemorar datas festivas do final do ano, mas uma ação pedagógica, na qual todos os envolvidos tivessem consciência do significado e da importância do Festival na formação do indivíduo.

Para elaborar minha proposta baseei-me no artigo *Projeto Pedagógico: considerações necessárias à sua construção* de Célia Guimarães. Guimarães traz em seu texto tópicos a serem considerados na elaboração do projeto pedagógico escolar, são eles: conceito, perfil, plano de aula, regulamento, execução e avaliação. Neste caso, faço uso de alguns, redefino outros, adaptando para a realidade do Festival de teatro que estava conquistando espaço e repercutindo no discurso em âmbito escolar.

1. Conceito e finalidades do Festival:

Primeiramente, Guimarães chama a nossa atenção para:

[...] se não houver clareza do que é o Projeto, de qual é a sua finalidade, da necessidade do comprometimento individual, enganos podem ser cometidos, perdendo-se o sentido em executá-lo (GUIMARÃES, 1998, p. 38).

Neste sentido, procurei definir o Festival da seguinte forma: O Festival de Teatro INSEF em Cena é um ato artístico; realizado no segundo semestre do ano, que culmina no encontro de pais, escola e estudantes, para a valorização da arte. Tem como finalidade promover o teatro, valorizar a criação do estudante e prioriza o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido durante todo o ano letivo, anterior, durante e posterior ao projeto. O objetivo é fazer com que o teatro seja uma arte cada vez mais próxima de todos.

A autora nos lembra que, para que o projeto educacional seja executado com clareza, é necessário que todos os envolvidos estejam cientes dos objetivos a serem alcançados, dessa maneira são estabelecidas estratégias e soluções para viabilizar o processo de criação.

Em 20 de Junho de 2013, realizei uma entrevista com a equipe pedagógica do INSEF (ver anexo 02), buscando justamente diagnosticar a visão que possuem do

projeto como um todo, da sua importância pedagógica e estratégias para contribuir no processo de aprendizagem dos estudantes. Diante de todas as perguntas e respostas, direciono um olhar cuidadoso para algumas questões pertinentes. Quando pergunto se há alguma necessidade do Festival ser realizado em outra data, que não no final do ano, as respostas são semelhantes, porém dois dos entrevistados demonstram compreender melhor o motivo pelo qual o Festival acontece no penúltimo mês do ano:

Não. Acho que é durante o ano letivo que é trabalhado as técnicas, eles devem aprender, e, realmente a melhor fase é o final do ano. Até mesmo para concluir o ano letivo com sucesso. (Ana Paula Amorim, 35 anos, formada em Língua Portuguesa e atual coordenadora do seguimento Ensino Fundamental 2)

Não, perfeito no final do ano. É uma época em que os pais estão mais acessíveis a todo o fechamento de um trabalho que ocorreu durante o ano. Eles prestigiam mais até. (Valdneia Pires, 44 anos, formada em Geografia e Gestão Escolar, diretora chefe)

Não. Eu acredito que a realização do Festival no final do ano favorece os alunos que são novatos na prática teatral, que entraram há pouco tempo. Então, depois de todo um ano letivo de trabalho é mais natural que eles tenham um desempenho melhor do que se fosse a uma data anterior. (Raquel Santana, 31 anos, Pós Graduada em Psicologia, psicopedagoga do INSEF)

As professoras Raquel Santana e Ana Paula se referem às aulas de teatro como trabalho desenvolvido durante o ano para alcançar um melhor desempenho no Festival. É de suma importância que esteja claro para a equipe pedagógica o processo para se chegar ao Festival, do contrário, torna-se mais um evento festivo escolar, sem cunho educativo. Para que seja uma ação pedagógica, o Festival é realizado no penúltimo mês do ano, permitindo que em dezembro tenhamos alguns encontros para avaliar: o trabalho ao qual nos dedicamos durante o ano; o que foi alcançado no dia do Festival; e o que podemos mudar para o ano seguinte.

Este projeto vem sendo realizado desde 2009. Ao longo dos anos houve mudanças e adaptações, para que se chegasse ao formato em que todos os envolvidos estejam, de fato, comprometidos com os objetivos do projeto. Neste sentido, é notório que a equipe pedagógica, direção e coordenadores, compreendam que o projeto deve ser realizado no final do ano, pois para se chegar a ele, anteriormente foi desenvolvido toda uma abordagem pedagógica que constrói competências e habilidades para se estar em cena. No entanto, as respostas são frágeis para identificarmos se possuem propriedade significativa do processo de ensino-aprendizagem trabalhado nas aulas de teatro. Na tentativa de aprofundar esta questão, questiono sobre o significado do Festival:

Significa o auge do sucesso do trabalho que é realizado principalmente pela professora, porque é uma modalidade feita a parte, o aluno faz se ele quiser, não é obrigatório. A gente percebe que realmente é um sucesso. O Festival tem uma importância muito grande para o desenvolvimento do teatro, até porque seria muito desestimulante o aluno passar o ano aprendendo técnicas e no final do ano não poder apresentar para ninguém. Então é o momento, o auge do sucesso que o teatro tem realizado aqui na escola. (Ana Paula Amorim, 35 anos, formada em Língua Portuguesa e atual coordenadora do seguimento Ensino Fundamental 2)

Se o Festival é visto como um evento que abrilhanta o encerramento do ano letivo, desconsideramos o espaço construído para que os estudantes possam se expressar e apresentar o que aprenderam nas aulas de teatro. Este projeto não propõe uma perspectiva unicamente de festividade escolar, mas um olhar atento para o desenvolvimento e aprendizagem que conseqüentemente culmina com um evento festivo escolar. A equipe pedagógica do INSEF permitiu que fosse criado o Festival e incentivou para que déssemos continuidade acreditando em sua importância.

Significa tudo de bom, porque é um projeto bacana dentro da escola, as crianças gostam, hoje está sem vaga para os alunos que querem entrar. Então isso é muito gratificante. É um projeto que vale a pena continuar com ele. (Valdnéia Pires, 44 anos, formada em Geografia e Gestão Escolar, diretora chefe)

Na resposta da diretora Valdnéia Pires, identificamos o entendimento de que o Festival é um projeto que vem trazendo resultados positivos para o âmbito escolar, em cada edição em que foi realizado e, por isso a continuidade dele também se faz necessário.

Primeiro quando você culmina o fechamento, vamos supor, você tem realmente um trabalho concluído, é o primeiro ponto positivo. Se você não consegue fazer um fechamento com uma edição, você praticamente não demonstrou como foi o seu trabalho e segundo, realmente é essa questão da promoção de você ter algo voltado para a cultura dentro da escola. (Elvio Otávio Alves, 44 anos, formado em Matemática e diretor do departamento pessoal e financeiro)

O diretor Elvio Alves em um primeiro momento mostra a visão que possui, a cerca do projeto escolar, ao argumentar que é uma forma de promoção, e o profissional deve mostrar serviço, além disso, se não houver um fechamento não há trabalho concluído. Num segundo momento ele entende que não é apenas a promoção do trabalho, mas principalmente a oferta cultural que a instituição acredita e permite ser realizada, oferecendo liberdade e espaço para que eu possa criar e crescer com o Festival e conseqüentemente com os estudantes.

Uma excelente oportunidade pra desenvolver competências, pra desenvolver habilidades que em outras ocasiões não seriam desenvolvidas, não seriam expressadas mesmo. Em sala de aula as ocasiões são muito reduzidas pra que o aluno demonstre esses talentos e essas habilidades. Então em termos pedagógicos mesmo, o festival representa um ganho nesse sentido. (Raquel Santana, 31 anos, Pós Graduada em Psicologia, psicopedagoga do INSEF)

Por fim, a psicopedagoga Raquel Santana, aproxima-se da proposta pedagógica do Festival: ir além da sala de aula, promover o protagonismo dos estudantes, promover a cultura e o teatro no âmbito escolar e familiar proporcionando um espaço em que os estudantes possam mostrar o que vem aprendendo com as aulas de teatro. O Festival é uma das inúmeras propostas pedagógicas existentes para desenvolver habilidades dos estudantes e propor espaços de experimentações em uma instituição de ensino, mas para que isso ocorra é necessário que os envolvidos estejam abertos para que a transformação seja significativa. É preciso, como nos apresenta Carlesso, estimular a

Capacidade de vivenciar situações de maneira significativa, sem atropelos e com consciência de que a formação humana exige-nos mais do que assistirmos as coisas passarem a partir de uma leitura simplista e acelerada da vida (2011, p. 88).

As questões que se colocam são: se o professor constrói um espaço favorável para que a experiência artística aconteça - com finalidades que conduza ao conhecimento, ao desenvolvimento de potencialidades e à percepção não somente de si, mas também do grupo - e também se estabelece um canal de diálogo que permita a compreensão por parte da equipe pedagógica. Durante esta pesquisa busquei, e ainda busco, refletir a cerca das escolhas feitas, ações que resultaram no crescimento do Festival e, ações que poderiam ter sido realizadas. Neste sentido, acredito que posso criar um espaço de discussão entre professora e equipe pedagógica para refletirmos os pilares e objetivos do Festival, pontos positivos e negativos de uma edição a outra, significados educacionais e culturais, para assim ampliar o olhar cuidadoso dos educadores para o Festival.

2. O perfil do estudante formado pelo INSEF em Cena

O perfil determina a base do projeto. A identidade do Festival se constrói e se solidifica através do perfil que se pretende formar. O desenvolvimento deste tópico é necessário, porém prevê cautela e uma análise constante após cada edição.

Compreende-se que a educação não se trata de fornecer mão de obra para o mercado de trabalho, pelo contrário, ela possui um compromisso social, portanto:

O objetivo é de compreender a educação tendo em vista a prática social na sua totalidade, através da instrumentalização dos alunos para que possam atuar de maneira crítica e construtiva na sociedade, participando das dimensões política, cultural, social e científica do seu tempo (GUIMARÃES, 1998, p. 40).

Assim, o processo para se chegar ao Festival torna-se uma ação pertinente na formação do sujeito. Um espaço, onde ele poderá explorar habilidades, desenvolver-se, descobrir-se, experimentar possibilidades de ser. O objetivo é formar cidadãos apreciadores da arte. Não há nenhuma pretensão de formar atores ou atrizes, mas possibilitar um encontro com as artes cênicas, no qual o estudante terá contato com jogos teatrais, idas ao teatro, análises de espetáculos, apresentações durante o ano letivo, favorecendo assim uma reflexão e aproximação da arte. O Festival apresenta-se como uma etapa de todo o processo. A estudante Kariza Vitório, permaneceu por três anos no grupo INSEF em Cena. Ao sair, retornou nos anos seguintes com algumas participações, sendo apresentadora do Festival anunciando as cenas ou mesmo no apoio da organização. Kariza faz uma análise do que o teatro representou em seu processo de aprendizagem estudantil e o que essa vivência representou para sua vida, na entrevista realizada em 12 de agosto de 2013:

INSEF em Cena pra mim foi uma das fases mais importantes da minha vida. Eu não tenho muitas fases, eu ainda sou muito novinha, mas as fases que eu tive, elas foram importantes pra montar quem eu sou agora, eu não acho que sou a Kariza completa ainda, tenho muitas coisas pra presenciar, ainda vou entrar em outra fase importante da minha vida. Se hoje estou onde estou, e tenho um reconhecimento, mesmo que não seja muito amplo isso é graças pelo o que eu passei no teatro, a confiança que eu ganhei, entender e trabalhar em equipe, aprender a interpretar emoções, até onde você vai ou não, saber se comunicar, isso fez toda a diferença. Por exemplo, se meu ensino médio está muito bom é porque um dia eu tive aula de teatro, de literatura e um dia eu aprendi que posso ver muito além do que está escrito em uma peça, num livro. Aprendi a ver a vida de outra forma e a valorizar outras coisas que para algumas poderia não ser muito importante.

Os estudantes, em sua maioria, compreendem o projeto. Por estarem dentro tem uma visão mais ampla do processo que a equipe pedagógica e, conseqüentemente, entendem o propósito do Festival. Há muito que fazer para que a instituição de ensino compreenda a fundo as dimensões educacionais do projeto, mesmo com todo o espaço já alcançado no INSEF.

O importante, do ponto de vista da experiência, são os limites, possibilidades e impossibilidades que uma ação pedagógica, como o Festival se propõe a ser, pode estimular no formar e transformar o sujeito. “Ajudar o que ainda não sei sentir, ou o que ainda não posso sentir, ou o que ainda não quero sentir” (LARROSA, 2011, p. 7). É preciso compreender que cada indivíduo possui o tempo próprio de assimilação e entendimento do processo e o educador, portanto, terá sempre a função de mediar o aprendizado, com o olhar atento e com o comprometimento que a profissão de arte-educador exige.

3. Especificidades do Festival

3.1. Plano de Ensino

A metodologia de ensino foi sendo ajustada ao longo dos anos. Diante de todas as disciplinas cursadas durante a graduação, um número pequeno influenciou significativamente o amadurecimento do Festival. Foram principalmente as disciplinas: Metodologia de Ensino para o Teatro 1 (Met. 1), ministrada pelo professor Jonas Sales⁷ e Metodologia de Ensino para o Teatro 2 (Met. 2), ministrada pelo professor Graça Veloso⁸, do curso de Artes Cênicas – UnB. Ambas as matérias possibilitaram o esclarecimento do planejamento, auxiliaram-me na reflexão das escolhas feitas e nas possibilidades de trabalhar com teatro na educação. Permitiram que eu entendesse que:

[...] Os processos de criação em linguagens artísticas devem ser vivenciados e refletidos pelo educador, tecendo relação com sua prática de sala de aula, para que este possa compreender as especificidades das linguagens artísticas e seja capaz de organizar metodologicamente as situações de ensino, relacionando-as coerentemente aos processos de aprendizagem (PONTES, 2009, p. 6).

O objetivo em Met. 1 era proporcionar a discussão sobre as diversas metodologias para o ensino de teatro nos diversos âmbitos da educação⁹. Diante dos debates em sala, mediadas pelo professor e as leituras dos textos propostos para o curso ao longo do semestre, pude analisar a prática educativa que vinha desenvolvendo e entender que “a construção da intencionalidade relaciona-se às referências que o educador apreendeu e/ou apreende na sua formação inicial e continuada” (PONTES, 2009). Ou seja, o contato com o curso de Artes Cênicas influenciou na percepção e

⁷ Jonas de Lima Sales, Mestre em Educação e professor do Departamento de Artes Cênicas - UnB

⁸ Jorge das Graças Veloso, Doutor em Artes Cênicas e professor do Departamento de Artes Cênicas – UnB.

⁹ Como consta no programa da disciplina do 1º semestre de 2011.

olhar mais atento para a ação docente. Mesmo sem definir ao certo que tipo de professora estava sendo, ali estava determinando a professora que não pretendo ser: descompromissada com o ensino de teatro.

O plano de aula foi elaborado com a seguinte estrutura: objetivos – aonde se quer chegar, o que deve ser conquistado; programa – os encontros, as aulas; metodologia – escolhas, caminhos para alcançar os objetivos; recursos – o que será necessário para as atividades; por fim, avaliação – análise do processo geral e individual. Em meu plano de aula (ver anexo 03) defini ainda: data – dia e mês dos encontros; eventos e apresentações – eventos festivos da instituição de ensino, no qual o grupo de teatro faz apresentações. Assim o plano de aula continua todos os objetivos, metodologia e avaliações. Estruturar um plano de aula, com clareza demanda uma organização que leve em consideração um ponto de partida, um desenvolvimento e um lugar que se quer alcançar. Ainda que a coordenação ou a instituição de ensino não tenha exigido tal documento, eu compreendo que todo professor deve: planejar, executar e avaliar as atividades, em favor de uma postura crítica, ética, política e social. Mesmo havendo interrupções nesse processo por vários motivos, sejam eles ensaios, visitas a teatros, uso do auditório por outros professores, etc., o planejamento geral deve ser elaborado. Também, entendo que deve se ter certa flexibilidade para que ajustes e adequações sejam feitas. O importante é a clareza com os objetivos e metas a serem alcançados para que se realize com segurança as diferentes ações e etapas.

As peças apresentadas ao longo do ano são inseridas no planejamento, pois fazem parte do calendário escolar, como: dia das mães ou dia da consciência negra, por exemplo. Por vezes, ouvia diretora e coordenadora me pedir “coloque seus melhores alunos para apresentar, afinal, são oportunidades em que os estudantes com mais desenvoltura tem para estarem frente à plateia, embelezando o evento”. O que define um estudante ser melhor do que o outro para uma apresentação? Hoje a oportunidade de estar frente a um público é igualmente distribuído para todos do grupo de teatro INSEF. O problema não está em realizar peças em datas comemorativas, a questão é como vemos o teatro nesses momentos de festividades escolar. Exemplo disso foi no Dia da Consciência Negra, 20 de novembro do ano de 2013, o INSEF em Cena realizou uma apresentação no auditório da escola. A encenação baseou-se em personalidades que marcaram história no Brasil, a escolha partiu dos próprios estudantes. Veja na foto com o estudante Luís Henrique interpretando Aleijadinho:



Fonte: Lidianne Carvalho (2013).

O INSEF em Cena realiza tais apresentações durante todo o ano e é visto pelo Grupo de Teatro como um momento de enfrentar os desafios, de estar frente ao público. Neste sentido, não serão os “melhores” do grupo a subir no palco, mas todos aqueles que se propuserem a estar ali, vivenciando a prática teatral. Errando ou acertando, estão exercitando.

[...] a abertura que a experiência dá é a abertura do possível, mas também do impossível, do surpreendente, do que não pode ser. Por isso a experiência sempre supõe uma aposta pelo que não se sabe, pelo que não se pode, pelo que não se quer. A experiência é um talvez. Ou, o que é o mesmo, a experiência é livre, é o lugar da liberdade. Poderíamos chamar a isso, então, o “princípio da liberdade” da experiência, ou o “princípio do talvez” (LORROSA, 2011, p. 19).

Entende-se que as apresentações fazem parte do processo de aprendizagem e que sem elas, no dia do Festival, os estudantes talvez não tenham claro o que seja apresentar para além dos colegas da classe, ou seja, se antes foi enfrentado os medos, os limites e as inseguranças, chegando ao Festival, a tendência é ter segurança, propriedade e prazer ao apresentar.

3.2. Seleção

Por que todos os integrantes do Grupo de Teatro INSEF em Cena não fazem parte Festival? Na realidade, todos são inseridos, o que muda é a função que cada um exerce no dia do evento. A seleção de cenas para o Festival é determinado por trabalhos que estejam dialogando com as regras do regulamento (ver anexo 04). As cenas que apresentarem discurso, ou seja, além de possuir um roteiro claro, permite refletir, sonhar e imaginar. Novamente não entramos em critério de bom ou ruim, porém, são selecionadas as cenas em que os estudantes demonstram compreensão do que veio sendo vivenciado em sala e nas apresentações. É na seleção que se inicia uma divisão, entre os que são aprovados para o Festival e aqueles que não conseguiram atingir os objetivos propostos para o momento.

Os integrantes o INSEF em Cena não são obrigados a participar do Festival. Mesmo com uma seleção, todos desejam participar deste encontro teatral. Portanto, aqueles que não são selecionados para apresentar seus trabalhos, são inseridos por vontade própria em algumas funções, como confecção de cenário e figurino anterior ao Festival, organizadores da cena, maquiadores, preparando assim aqueles que irão se apresentar.

A seleção das cenas é realizada no horário das aulas de teatro, facilitando a organização do processo. A data da seleção deve ser divulgada após as férias do meio do ano, assim todos têm tempo suficiente para a escolha do tema, elaboração da cena e ensaios. Ela é realizada no mês anterior ao Festival, para que os selecionados possam ter tempo dedicado a novos ensaios a partir das orientações dadas durante o processo de seleção e contribuições dos colegas do teatro.

É importante ressaltar que a seleção é mais uma etapa do processo de aprendizagem, o que rechaça a ideia de se escolher os “melhores” trabalhos para o Festival. É na seleção que os estudantes conseguem entender com maior clareza o que se propõem a fazer: iniciam a construção de um olhar mais crítico para o seu trabalho e para com o dos outros; conseguem avaliar e analisar falhas; e projetam soluções para as cenas. Muitas vezes, o motivo pelo qual não conseguem aprovação é a falta de dedicação aos ensaios. Com isso, a não aprovação fica compreensível, evidente e aceitável por parte de todos os estudantes e impulsionam o desejo de ajudar aqueles que foram aprovados.

A cada ano é feito o convite para um professor (a) de teatro compor a banca de seleção. Porém, no ano de 2013, uma atriz compôs a mesa dos jurados para a seleção:

Amanda Greco¹⁰, pois percebi que o meu olhar estava voltado para o processo educacional. Com a presença da atriz os estudantes teriam uma contribuição artística, além do que estão acostumados a receber da professora.

3.3. Regulamento

O regulamento viabiliza o Festival. Torna-o possível. Após as férias do meio do ano, todos recebem em mãos o regulamento que descreve as regras e caminhos a serem seguidos, dividido em itens, como: critérios ao professor (ações que cabe ao professor desenvolver); critérios ao participante (ações direcionadas para os estudantes); critérios a serem avaliados; inscrições (o que será avaliado); premiação e outros. Neste momento, acredito que todas as dúvidas devem ser sanadas para que possam construir um processo criativo até a seleção e, posteriormente a ela, amadurecer o trabalho para o Festival.

Todos os anos o regulamento é revisado, pois este material é flexível. A revisão levanta possíveis problemas para que sejam solucionados e novas possibilidades a serem exploradas de modo que tanto os estudantes quanto professor consiga excuta-lo sem maiores dificuldades. É imprescindível sempre ter em mente que a criação de um regulamento depende necessariamente do contexto social e escolar, assim como dos objetivos a serem alcançados pelo professor e instituição de ensino.

Para dar sequencia ao subitem 3.4 sugiro ao leitor que assista ao vídeo que se encontra neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=x7lgtJOQtHU>

3.4. Festival de Teatro INSEF em Cena

Até aqui, venho discorrendo a respeito das etapas anteriores ao Festival. Como as aulas de teatro são elaboradas e realizadas, e os caminhos para que os estudantes cheguem ao Festival com mais propriedade dos elementos teatrais. Há também o trabalho de produção e logística: aluguel do teatro, contratação de técnicos de som e de luz, material de divulgação, confecção e venda dos ingressos, o roteiro com a sequencia das cenas, treinamento dos apresentadores e assistentes de palco.

O Festival significa o encontro os estudantes com familiares, comunidade, escola e também o retorno daqueles que em algum ano anterior fizeram parte do Grupo

¹⁰ Graduada em Artes Cênicas com Habilitação em Bacharelado pela Universidade de Brasília.

de Teatro INSEF em Cena. Para eles é destinada a função de assistentes de palco e apresentadores do evento:



Fonte: Ana Paula Amorim (2013)

Retornar ao INSEF em Cena não mais como estudante que está ali prestes a apresentar, mas como alguém que está por detrás da cortina e ter consciência que sem sua colaboração o Festival não acontece, é sem sombra de dúvida despertar o olhar do estudante para outros elementos do teatro, talvez antes não observados. É constituir outra instância em que a experiência possa se dar.

De fato, na experiência, o sujeito faz a experiência de algo, mas sobretudo, faz a experiência de sua própria transformação. Daí que a experiência me forma e me transforma. Daí a relação constitutiva entre a ideia de experiência e a ideia de formação. Daí que o resultado da experiência seja a formação ou a transformação do sujeito da experiência. Daí que o sujeito da experiência não seja o sujeito do saber, ou o sujeito do poder, ou o sujeito querer, senão o sujeito da formação e da transformação (LARROSA, 2011, p.7).

A estrutura do Festival segue o seguinte roteiro: abertura, a professora dá as boas vindas a toda a plateia e os convida para entrarem no universo do teatro; em seguida são anunciados os apresentadores, que farão o intermédio entre uma cena e outra interagindo com a plateia e auxiliando no desenvolvimento do Festival, e o convidado especial – durante dois anos (2012/2013) tivemos a participação do ator Marcos Davi;

por fim são feitas as premiações, realizada pelos próprios jurados e os agradecimentos a toda equipe que viabilizou o projeto.

Realizar a produção sozinha e não ter a participação mais efetiva da equipe escolar significava a falta de comprometimento com a ação pedagógica realizada na escola. No ano de 2013, distribuí algumas funções como a confecção dos ingressos para a coordenadora. O INSEF possui também um projeto com os estudantes de música, o Festival de Talentos que este ano irá para a 3ª edição. Há anos venho tentando dialogar e deixar na escola um projeto sólido com pilares que justifiquem a sua importância no desenvolvimento do estudante. A identidade do Festival de Teatro deve ser respeitada, assim como os demais projetos. Acredito que, até mesmo as elaborações da arte do ingresso e do cartaz de divulgação devem ser criadas com base nas características que englobam cada projeto.



Fonte: Gleydson Lima (2013)

Mas, ao contrário, a arte elaborada pelo designer Gleydson Lima¹¹ para a 5ª edição do Festival INSEF em Cena foi utilizada para o Festival de Talentos. São fatos como este que evidenciam a falta do entendimento por parte da coordenação pedagógica sobre as artes e suas multiplicidades e especificidades e a necessidade da construção da

¹¹ Integrou o Grupo de Teatro INSEF em Cena de 2008 a 2010, cursa Publicidade e Propaganda na Universidade de Brasília.

identidade linguística no âmbito escolar, poderia ter desenvolvido outra logo que fosse a identidade do projeto de musica.

O júri é peça chave para que tudo ocorra. Há uma tentativa de equilibrar as notas, geralmente são convidados três profissionais do teatro, professores ou artistas, sendo um deles o mesmo que compôs a banca da seleção. Por exemplo, em 2013, tivemos a atriz Amanda Greco na seleção e também compondo o júri do Festival, juntamente com Gustavo Gris e Adni Rocha, ambos os professores de teatro e graduados pela UnB:



Fonte: Ana Paula Amorim (2013)

Eu não faço parte do júri no dia do Festival, uma vez que como coordenadora do projeto preciso estar supervisionando todas as etapas e solucionando os problemas que venham a ocorrer.

3.5. Premiação

Desde a primeira edição do Festival, em 2009, há premiações. Nenhum ano foi igual ao outro ano. Em 2009 foram premiados os três primeiros trabalhos. No ano seguinte, além dos três primeiros colocados, foram entregues livros para todos os participantes. Todos os anos seguintes (2009-2014) foram troféus com modelos diferentes. A premiação é válida, pois é preciso valorizar um esforço feito até ali.

Participar é importante, mas reconhecer que naquela noite não foi o seu melhor é engrandecedor. A cada ano busco aumentar o número de categorias a serem premiadas, como: três primeiros lugares para cenas individuais (ator e atriz), três primeiros como cenas em grupo, melhor cenário, melhor figurino, revelação da noite, criatividade, etc. Não é o suficiente, vejo que a premiação é também um incentivo para que se trabalhem nas cenas, se esforcem, sejam merecedores. Mas o que fazer com os outros, aqueles que não se enquadram nas categorias? Receberão apenas prêmios de participação?

O mesmo discurso e cuidados desenvolvidos para a seleção é trabalhado na premiação do Festival. Mas ainda não se chegou a um significado adequado para os prêmios, talvez a mudança da nomenclatura, de “o melhor” para algo que simbolize personagens do teatro, por exemplo, seja uma possibilidade para próxima edição (2014). Com essa mudança, em fase de amadurecimento, busca-se dar significado e peso simbólico aos prêmios e não mais uma questão de bom ou ruim, visto que o discurso do projeto é contrário a essa nomeação. Portanto, o ideal, me parece, é manter a premiação, uma vez que é o reconhecimento do trabalho dos estudantes, entretanto é necessário refletir e pesquisar sobre uma nova nomenclatura para os prêmios, as categorias, etc. Veja a imagem dos estudantes após premiação do 5º Festival de Teatro INSEF em Cena:



Fonte: Ana Paula Amorim (2013)

3.6. Retorno – Avaliação

As aulas pós Festival é a partilha, a troca, o retorno, a avaliação. Momento prazeroso, no qual todos os estudantes estão eufóricos para dividir suas impressões construídas com o Festival e aprendido. É a possibilidade de que o ali vivido se torne experiência. As discussões são realizadas em roda e o diálogo é mediado pelo professor. É nas últimas aulas de teatro que o Festival se concretiza como ação pedagógica.

Não há projeto sem que haja avaliação da parte do professor com os alunos, dos alunos com o professor, da escola, dos familiares. A avaliação se dá por diversas maneiras, a que se refere ao professor para com alunos é estabelecido em diálogo, reflexões, depoimentos, anotações, sugestões, etc., uma vez que não são atribuídas notas avaliativas para os estudantes. Da instituição de ensino, da mesma forma. Já os familiares, ainda são poucos os que nos procuram para elogiar, criticar ou sugerir novas possibilidades.

No atual momento em que o Festival se encontra, o trabalho está em solucionar algumas questões como, por exemplo: o tempo de duração, pois muitos reclamam por ser longo (em média o evento tem duração de 3 horas, com intervalo durante a somatória das notas); para as categorias e nomenclatura dos prêmios e também para a quantidade de integrantes das cenas em grupo, visto que existe a dificuldade de encontros nos mesmos horários para ensaios.

No seguinte capítulo, Ação Cultural, desenvolverei uma reflexão do Festival de Teatro INSEF em Cena em sua amplitude, uma vez que sendo executado como ação pedagógica promove relações significativas e caminhos que despertam nos envolvidos, quais sejam os estudantes, pais, parentes, amigos, escola, comunidade, o interesse para o teatro ou para a arte.

Para dar sequencia ao terceiro capítulo, sugiro ao leitor que assista ao vídeo que se encontra neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=tQeGMh77K70>

CAPÍTULO 3 – O FESTIVAL COMO AÇÃO CULTURAL

O Festival de Teatro INSEF em Cena não tem o objetivo de ser um evento de entretenimento escolar, mesmo se alguns por professores e diretores do Instituto de Educação Fênix o veem dessa maneira. No capítulo anterior refletimos acerca desta questão expondo que o projeto surgiu para ser uma ação – entendemos aqui ação como um ato de alcançar objetivos e assim resultados – pedagógica e também uma ação cultural. Mas para aprofundarmos esse assunto é preciso ponderar sobre o termo **ação cultural**.

A palavra ação vem do latim *actio* que significa “ato de colocar em movimento, de fazer, de realizar”¹². Qualquer projeto que o professor venha a desenvolver é um ato de colocar em movimento, sejam a escola, os estudantes, a área de conhecimento, a comunidade local, etc., o que me permite entender melhor como organizar o projeto educacional. Logo, a dimensão desse ato está diretamente ligada aos objetivos que se pretende alcançar.

Teixeira Coelho em seu livro – O que é Ação Cultural? – discorre a respeito dos objetivos que envolvem a ação cultural, e levanta questões sobre esta operação sociocultural:

O objetivo da ação cultural não é construir um tipo determinado de sociedade, mas provocar as consciências para que se apossam de si mesmas e criem as condições para a totalização, no sentido dialético do termo, de um novo tipo de vida derivado do enfrentamento aberto das tensões e conflitos surgidos na prática social concreta (COELHO, 2006, p. 41).

O Festival é uma iniciativa de ampliar a relação da população com a arte, tentando provocar reflexões sobre diversos aspectos como, por exemplo: o edifício teatral, a especificidade da linguagem cênica, a apropriação crítica da arte, o desenvolvimento humano. Por ser o tema das cenas uma escolha dos estudantes, ao assistir ao espetáculo, tanto pais como a comunidade de maneira geral, podem observar o que os jovens estão tentando dizer, comunicar, a forma com que fazem isso.

Portanto, pode-se afirmar que o Festival em questão possui elementos suficientes para que aconteça a ação cultural:

¹² Disponível em <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/acao/>>

O fato é que o teatro, muito mais que o cinema ou o vídeo, esse cinema socializado, reúne em si todos ou a maioria dos elementos vitais à ação cultural, entendida aqui como a criação das oportunidades para o uso dos recursos pessoais em seu potencial mais amplo como modo de expressão e inteligência do mundo. O teatro ainda vive mergulhado no sonho, ou ambição, de ser a arte total por excelência – e tem ampla razão nisso (COELHO, 2006, p. 85).

E ainda:

O teatro vive daquilo que é a mola principal e traço distintivo da ação cultural, a interdisciplinaridade, entendida como experiência de integração, de totalização de colaborações variadas que não são unificadas, mas rigorosamente dialetizadas num amálgama onde tudo se transforma e, por exigência intrínseca do processo, se supera (COELHO, 2006, 85).

É no Festival que se proporciona a interação entre estudantes, escola e comunidade, abrindo espaço para o imaginário, para a troca, para o contato – muitas vezes pela primeira vez – com o teatro, para a observação e análise do desenvolvimento dos estudantes em suas apresentações, para a transformação, para a reflexão deste projeto como um todo.

Ação Cultural é o ato de proporcionar espaços para que a experiência e interação dos envolvidos se deem em um processo de constante transformação, ou seja, não é proporcionado uma única vez. O Festival, como dito anteriormente, é flexível, pois desde a sua primeira edição (2009) segue com alterações no espaço, no regulamento, na premiação, na interação com o público, na organização, no roteiro de execução. Assim, o professor que elabora e executa o projeto não será apenas um professor, mas também um agente cultural visto pela perspectiva da ação cultural:

O agente cultural será um profissional capaz de entender os mecanismos da atuação em grupo que possibilitem a esse grupo o exercício da criatividade e capaz de conhecer a natureza e possibilidades das linguagens e equipamentos culturais de que se servirá (COELHO, 2006, p. 55).

Ao longo das edições, a escolha do tema para as cenas do Festival nunca foi determinada ou imposta pelo professor ou instituição. Os estudantes têm liberdade para fazerem as escolhas, para que tenham espaço de discurso e diálogo. Podem pesquisar na *internet*, livros, vídeos, filmes, material próprio, etc. Se durante o ano as apresentações são feitas de acordo com as datas festivas do calendário escolar, é no Festival que os

estudantes adquirem liberdade para se expressar. Entram em um processo coletivo e/ou individual de criação.

Veja algumas imagens que ilustram a diversidade de temas da ultima edição do projeto:



Fonte: Ana Paula Amorim (2013) – Cena: Cuidado ela pode vir até você. Estudante Luíza Dias.



Fonte: Ana Paula Amorim (2013) – Cena: Drama Familiar. Estudante Karen.



Fonte: Ana Paula Amorim (2013) – Cena: Punfina. Estudantes Letícia Mayumi e Amanda Costa.



Fonte: Ana Paula Amorim (2013) – Cena: Comportamento. Estudantes Luís Henrique, Wilkerson, Letícia Menezes e João Gabriel .

Os estudantes não são direcionados a criarem determinadas cenas, visto que durante o ano foi construído condições para que possam se dirigir. Esta estratégia é um exemplo de uma decisão feita por um agente cultural, que determina o olhar atento para o contexto escolar e possibilita o exercício da criatividade, por parte dos estudantes, no âmbito das Artes Cênicas. A escolha para criar a cena individual ou coletiva também parte deles, mesmo apresentando uma cena em coletivo, o processo de criação e a experiência é individual, uma vez que cada sujeito se transforma com o contato com o teatro de maneira particular. Novamente, na entrevista realizada com a ex integrante

Kariza Vitório do Grupo de Teatro INSEF em Cena, pergunto como foi o processo de criação das cenas que apresentou no Festival nos anos de 2009 e 2010, na tentativa de investigar mais a fundo a apropriação das diferentes etapas do processo pedagógico pelos estudantes e o impacto em sua formação como indivíduo:

Da primeira edição, eu pensei em algo que gostava que era aventura. Então pensei “o que posso fazer a partir de aventuras e a partir do que eu tinha aprendido naquela época?”. Nós estávamos treinando muito aquela questão de mímica, com trabalho corporal, passar mensagem com o corpo sem muitas falas... Então escolhi O viajante, um aventureiro. Eu tinha que passar para o público a partir de objetos e de movimentos de um aventureiro, fui atrás do que eu tinha, do que aprendi, e construí minha própria peça, sem pegar na internet.

E a segunda edição, como foi o processo de criação?

A segunda edição eu estava meio sentimental, porque eu estava saindo do teatro, eu queria fazer uma homenagem, então eu estava pensando no que fazer pra dizer o que aprendi no teatro. Então eu pensei: o que eu aprendi com tudo isso? Quem eu era? E quem eu me tornei? Foi quando escrevi a peça, que é um menino descobrindo a arte. A partir disso eu comecei a pensar como foi o meu crescimento com o teatro, e foi aí que escrevi todos os passos, que era uma criança que não sabia falar, que tinha vergonha da vida, que tinha problemas com os amigos, mas que um dia encontrou aquele momento que mudou a vida dela e a partir disso, esse menino cresceu, pode se desenvolver, descobrir quem era... fui pensando, fui escrevendo e apresentei vestida de um menino.

Sendo livre a escolha do tema, todo ano os estudantes se deparam com um caminho novo a ser percorrido, de escolhas, de estratégias, de personagens, tudo determinado por eles. Caso se restrinja a um tema específico, pode haver uma rejeição por parte dos estudantes, derivado de vários aspectos, seja por falta de identificação ou pela limitação que um tema pode trazer ao coletivo. É importante que na ação cultural seja construído um espaço de diálogo e liberdade de discurso, em constante atividade. O Festival só é considerado como ação cultural porque há continuidade da proposta. Por ser realizado a cada ano, os alunos, a família e a escola têm uma nova oportunidade de vivenciar o contato com a arte, mesmo que haja uma pequena rotatividade de estudantes que entram e saem do Grupo de Teatro INSEF em cena.

A definição de ação cultural de Beatriz Cabral¹³ no artigo: Ação Cultural e Teatro como Pedagogia se aproxima da dita por Teixeira:

¹³ Mestre pela Escola de Comunicações e Artes pela Universidade de São Paulo e doutora em Philosophy Of Art Drama In Education - University Of Central England. Professora Adjunta da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Se a ação cultural parte do princípio de que a cultura (e o teatro) como pedagogia atinge o emocional e o racional, é possível afirmar que o engajamento contínuo do indivíduo com atividades culturais e artísticas contribui para a quebra e mudança de *habitus*. Assim, a qualidade e a continuidade de um trabalho artístico significativo para o indivíduo podem mudar sua visão de mundo e perspectivas, por quanto maior sua significação cultural, mais significativo seu potencial social (CABRAL, 2012, p. 7).

Destrinchemos este trecho associando-o ao Festival. Primeiramente podemos afirmar que a realização contínua do projeto propõe ao indivíduo um novo olhar, seja pela perspectiva racional ou emocional, identificado no depoimento da estudante Kariza quando diz ter escolhido o tema para sua cena, a partir do que tinha vivenciado anteriormente com as aulas de teatro, e com o envolvimento sentimental, por estar deixando o grupo naquele ano. Há também a tentativa de mudança de *habitus* que Cabral define da seguinte forma:

[...] um sistema de disposições pessoais, estruturadas socialmente, as quais têm função estruturante em nossa mente, e dirigem nossas ações e atitudes cotidianas. Como tal, limita ou influencia as oportunidades que nos aparecem. Entretanto, a mudança é possível – Bourdieu considera a mobilidade do *habitus* como decorrente de *experiências* individuais ou coletivas (CABRAL, 2012, p. 5).

Portanto, o projeto do Festival se propõe a uma interação dinâmica entre família, escola e estudantes possibilitando a mudança de *habitus*, ou seja, formas de percepção para ações cotidianas. Dentre as inúmeras possibilidades, temos a aproximação da família com a escola, pois os pais tornam-se mais presentes nas atividades dos filhos. Observe na imagem que há uma variedade de idade das pessoas presentes:



Fonte: Ana Paula Amorim (2013)

Temos ainda, a percepção da família e escola relativa ao desenvolvimento humano que os estudantes atingiram naquele ano, além do interesse despertado para o teatro, por parte não apenas dos estudantes, mas também da comunidade e da instituição. A experiência, o contato com o teatro fazem esses estudantes “diferentes” dos demais. Eles desenvolvem opiniões diferentes do senso comum, começam a analisar situações e comportamentos. O convívio grupal e a compreensão da importância que cada um tem dentro do processo criativo, fazem dos adolescentes indivíduos disciplinados e com compromisso para o que se propõem realizar.

Através da entrevista feita junto à equipe pedagógica pude constatar que o comportamento dos estudantes muda uma vez tido contato com o processo do Festival:

Constata diferenças no desenvolvimento dos estudantes que fazem teatro em relação aos que não fazem?

Sim, muito claramente! Os alunos se mostram mais receptivos às novidades, mudam até de humor, são mais criativos e tem mais interesse de participar dos eventos (Valdnéia).

Vou dizer como experiência própria, do meu filho. Ele realmente era uma pessoa muito introvertida, deixou de ser. Passou a ser uma pessoa que consegue uma comunicação muito melhor. Os estudantes adquirem uma postura bem diferente, consegue externar com muito mais facilidade do que ele poderia conseguir anteriormente (Elvio).

Os próprios estudantes reconhecem tal fato. Em entrevista realizada com os ex estudantes do grupo de teatro do INSEF, quando pergunto O que o INSEF em Cena representou para você?, eles ponderam:

INSEF em Cena mudou minha vida, comecei a prestar mais atenção em mim, pra falar tenho uma dicção melhor e em tudo comecei a prestar mais atenção e um olhar crítico sobre as coisas. (Saulo Lima, 14 anos).

É a questão da timidez, de gravar o texto, de estudar o texto e de me relacionar com as pessoas. Além de passar a gostar mais de teatro. (Ygor Alves, 17 anos).

Representou uma evolução, com certeza. Porque se eu não fizesse parte do teatro, como fiz, acho que eu não seria como sou hoje. Seria uma pessoa muito diferente.

E como você é hoje?

Sou uma pessoa muito extrovertida. Sou uma pessoa muito liberal, que não se importa com o que os outros falam e acho que sem o INSEF em Cena eu não seria assim. A gente amadurece. (Pedro Petrocélío, 14 anos).

Indo para além desta auto avaliação e reflexão da experiência que o teatro propicia, aos estudantes, podemos pensar também em como o Festival se propõe a

formar espectadores. Se as aulas de teatro no INSEF em Cena, ao longo do tempo, proporcionam um amadurecimento do relacionamento com as pessoas, estimula a criatividade, externa a vontade e torna os envolvidos críticos, há possibilidades de formar possíveis apreciadores de teatro, frequentadores de manifestações artísticas, pessoas que em um momento anterior não possuíam curiosidade para a agenda cultural da cidade, mas que após este processo se interessam, informam e se deslocam para outro ato artístico. Entretanto, o caminho para que este objetivo seja alcançado em uma proporção maior, ainda é longo. Na tentativa de levantar dados para compreender o reflexo do Festival na vida dos estudantes, pergunto na entrevista com os ex integrantes do INSEF em Cena, se existe o hábito de ir ao teatro, de frequentar peças teatrais ou mesmo interesse na agenda cultural da cidade:

Sim. Mas nem sempre, são poucas às vezes. Não porque eu não quero, mas porque não dá mesmo (Rebeca Guimarães, 15 anos).

Muito difícil, já assisti, mas não tenho muito tempo (Saulo).

Muitas vezes que eu vou, muitos grupos não são de Brasília quando vem eu procuro ir assistir (Lucas Gabriel, 15 anos).

Os estudantes, ao saírem do Instituto de Educação Fênix e se direcionarem para o Ensino Médio, não integram o Grupo de Teatro INSEF em Cena. Muitas escolas em que se matriculam não oferecem aulas práticas de teatro e, conseqüentemente, não assistem espetáculos teatrais no âmbito escolar. Dessa forma, o sujeito só será um frequentador por iniciativa própria, uma vez tendo tido contato com o fazer teatral no INSEF, e fica dependente da autorização dos responsáveis e da acessibilidade.

De maneira geral, esse contexto não favorece a continuidade da ação, mas há algumas exceções, como é o caso da Kariza cujos pais possibilitam a ida da filha com os colegas e incentivam esse interesse.

Sim. Continuamente eu fico vendo os eventos que tem no SESC e CCBB, e eu chamo os meus amigos, vou com colegas de escola. E a frequência depende da minha rotina, pois tenho muitas atividades, eu faço muito isso nas férias, vou quase todo fim de semana, mas uma ou duas vezes ao mês estou indo assistir apresentações ou manifestações artísticas (Kariza).

Com o Festival, o objetivo é fazer com que a semente do interesse para o teatro não seja plantada apenas nos estudantes, mas nos pais, nos amigos, nos professores e em toda a plateia. Veja nas próximas duas imagens, plateia da 2º edição e da 5º edição:



Fonte: Lidianne Carvalho (2010) – Auditório INSEF



Fonte: Ana Paula Amorim (2013) – Teatro SESC Paulo Autran

Pensando nessa situação, o Festival deixou de ser realizado no auditório da escola, e passou a acontecer no Teatro SESC Paulo Autran - Taguatinga, com todos os recursos técnicos para que o Festival fosse possível. A escolha do espaço poderia ser o Teatro SESC Newton Rossi – Ceilândia, pois além de possuir uma estrutura melhor do que o Teatro de Taguatinga é nas proximidades do INSEF. No entanto, o valor do aluguel do Teatro SESC Paulo Autran é mais acessível para a realidade do Festival, visto que todas as despesas são custeadas apenas com a arrecadação da bilheteria. Não bastava deslocar o Festival do auditório para um teatro convencional, era necessário algo novo, algo que não estivessem acostumados a assistir, que fizesse a semente do interesse para o teatro germinar. Nos anos de 2012 e 2013, em que o Festival foi

realizado no Teatro SESC Paulo Autran, o ator profissional Marcos Davi apresentou cenas preparadas por ele e sorteou ingressos para peças de teatro – outra estratégia de incentivo para despertar o interesse para o teatro. Marcos apresenta um trabalho profissional para a plateia, diferente da apresentação de estudantes em plena adolescência, acrescentando nesta experiência teatral um olhar amplo, desde uma apresentação amadora para uma apresentação mais elaborada, adulta e profissional.

Ao longo de seis anos trabalhei para a construção de um projeto que fosse interessante para a escola, engrandecedor para os estudantes e agradável para os familiares. Com muitos desafios superados, seja por espaços inadequados, quebra de paradigmas, aceitação das famílias, atribuição de regras e regulamentos, o Festival hoje é um projeto possível e se fundamenta em uma ação pedagógica e em uma ação cultural.

CONCLUSÃO

O percurso de compreender o ensino do teatro e assim estruturar uma metodologia só foi possível pela transformação da experiência anterior, durante e posterior ao contato com o Grupo de Teatro INSEF em Cena. As contribuições do curso de Artes Cênicas da Universidade de Brasília influenciaram para a formação de uma visão profissional, mas não o suficiente com a teoria do teatro, visto que o currículo não oferece matérias teóricas suficientes para que o professor tenha contato com as dimensões do teatro e possa ensinar aos seus estudantes futuramente.

O Festival por ser um projeto educacional possui uma metodologia com objetivos que almejam resultados no desenvolvimento das potencialidades dos estudantes, na ampliação do olhar da equipe de diretores e professores, além da compreensão por parte dos familiares e comunidade. O Festival de Teatro INSEF em Cena é uma ação pedagógica, não apenas por ser realizado em uma instituição de ensino, mas por construir uma reflexão do contexto social e escolar para a valorização do teatro na escola. Ação cultural proporciona a interação entre estudantes, escola e comunidade, abrindo espaço para a troca, para o contato com o teatro, para a reflexão da arte, para a transformação e também, reflexão do projeto. Neste sentido, o Festival visa sua continuidade, pois uma vez sendo realizado ano após ano, os envolvidos terão novas oportunidades de ampliar o olhar artístico, vivenciando assim o contato com a arte.

O Festival por si só não assegura a formação de espectadores e apreciadores de arte, mesmo que estabeleça estratégias para alcançar a maioria dos envolvidos. A qualidade e a continuidade desse trabalho dependerão da consciência e maior participação de todos, pois falta por parte da escola, um entendimento mais profundo e amplo do projeto INSEF em Cena e uma aproximação e diálogo com as famílias. Já conquistamos um espaço maior junto: à instituição de ensino; aos estudantes, demonstrado por seu interesse, comprometimento e retorno daqueles estudantes que deixaram a escola e se tornaram espectadores do Festival; à família, que tem participado, mesmo sendo apenas no dia do Festival, ou em casos isolados, em que os pais ajudam os filhos no processo de criação. Percebo que o trabalho realizado ao longo de seis anos, não é apenas um evento escolar, pois não foi criado para ser um momento de entretenimento. Além de todos os resultados positivos alcançados, há desafios para

superar, caminhos para percorrer, espectadores para formar, educadores para conscientizar, e família para aproximar, afinal o Festival possui dimensões maiores do que as ditas aqui.

REFERÊNCIAS

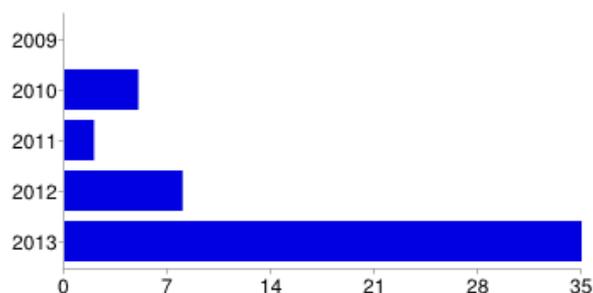
- BOLES LAVSKI, Richard. **Arte do ator**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CABRAL, Beatriz. Ação Cultural e Teatro como Pedagogia. **Sala Preta**, USP, Vol. 12, nº 1, 2012.
- CARLESSO, Dariane. As condições de (im)possibilidade da experiência em John Dewey e Jorge Larrosa: Algumas aproximações. **Revista Reflexões e Ação, Santa Cruz do Sul** – Vol. 19, nº2, p. 75-97, jul/dez. 2011.
- COELHO, Teixeira. **O que é ação cultural**. Primeiros Passos, São Paulo, 2006.
- GUIMARÃES, Célia. Projeto Pedagógico: considerações necessárias à sua construção. **Revista Nuances** – Vol. IX – Setembro de 1998.
- KOUDELA, Ingrid. Abordagens Metodológicas do Teatro na Educação. **Ciências humanas em Revista**. 2005, p. 145-154.
- _____. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul** – Vol. 19, nº 2, p. 04-27, jul./dez. 2011.
- OLIVEIRA, M. E. Teatro e Educação. **Educar**, Curitiba. Nº6, p. 77-93, 2010.
- PIMENTA, Silva Garrido. Formação de professores – Saberes da docência e identidade do professor. **Nuances**, v. III, 1997, p. 4-14.
- PONTES, Maurício Dias de. **Livro didático 4: o ensino de arte do 6º ao 9º ano**. 2ª Edição Gilvânia. Natal – RN, 2009.
- SILVA, Francisco H. Lopes da. **Os Processos Pedagógicos**.
- SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais na sala de aula**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ANEXO 01

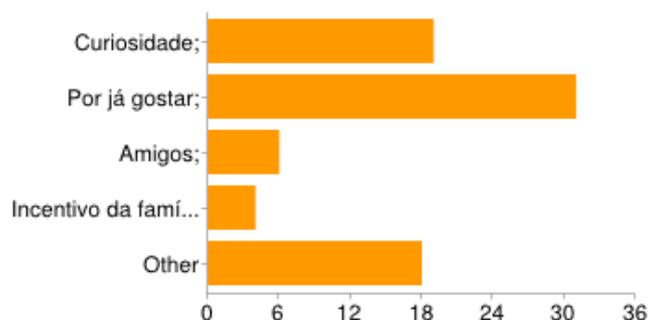
Questionário utilizado para pesquisa de campo – Estudantes

Este questionário é destinado apenas aos estudantes de teatro do Instituto de Educação Fênix - INSEF, com o objetivo de obter dados para a pesquisa de monografia da professora Lidianne Carvalho.

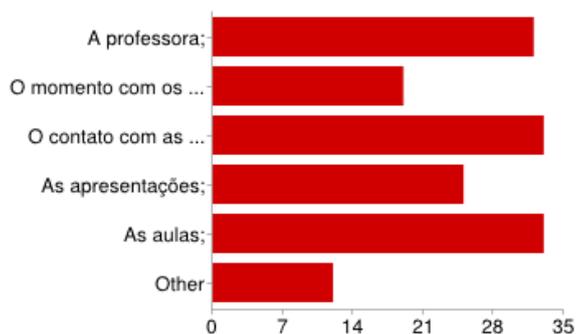
1. Idade:
2. Nome:
3. Série/Turma:
4. Em qual ano você ingressou nas aulas de teatro?



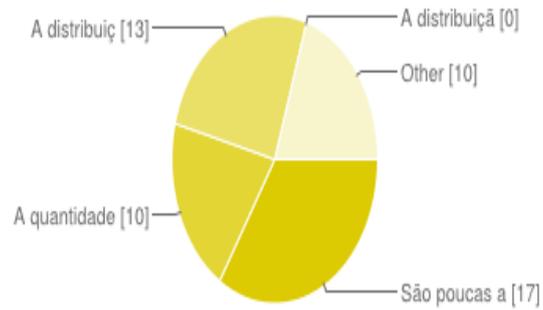
5. O que te motivou a ingressar nas aulas de teatro?



6. O que você mais gosta no INSEF em Cena?



7. Em relação às apresentações do INSEF em Cena durante o ano:



8. Descreva sua visão sobre os jogos teatrais trabalhados no INSEF em Cena:

9. Você conhecia o Festival de Teatro antes de entrar pro INSEF em Cena?

10. As aulas de Teatro ajudam no processo criativo da cena a ser apresentada no Festival?

11. Qual é a sua opinião em relação ao Festival?

ANEXO 02

Entrevista utilizada para pesquisa de campo – Equipe pedagógica

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa que a graduanda Lidianne Carvalho está desenvolvendo na Universidade de Brasília, sob orientação da professora Roberta Matsumoto, no curso de Licenciatura em Artes Cênicas. O objetivo é coletar dados para o trabalho de conclusão de curso. Portanto, sua opinião em todas as questões é de extrema importância.

Escola: INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÊNIX

Endereço: QNO 13 CONJUNTO P LOTES 19A, 21, 23 E 25 – SETOR O, CEILANDIA DF

Nome:

Idade:

Formação:

Cargo/função:

1. O grupo de Teatro INSEF em Cena realizará no ano de 2013 a 5ª edição do Festival de Teatro. Quais são as suas expectativas?
(imagem/aspectos pedagógicos)
2. O Festival de Interpretação INSEF em Cena é realizado no final do ano. Para você existe alguma necessidade de ser feito em outra data? Por quê?
(processo pedagógico/entendimento de um processo longo)
3. Enquanto coordenador/diretor qual relação você estabelece entre aulas de teatro e o festival?
4. Você constata diferenças no desenvolvimento dos estudantes que fazem teatro em relação aos que não fazem?
5. Existe algum impacto das aulas de teatro que tem influenciado o dia a dia escolar?
6. De que maneira o Festival reverbera no âmbito escolar, antes e depois de ser realizado?
7. O Festival possibilita uma aproximação da família com a escola?

8. Você conseguiria traçar ganhos e perdas nas edições do Festival de 2009 para 2012?
9. A mudança do espaço, do auditório para o teatro SESC Paulo Autran, influenciou na percepção artística dos estudantes, da escola e dos familiares?
10. O que significa para você, como diretor/coordenador, o Festival de Teatro INSEF em Cena?
(e como pai?/e como mãe).
11. O que você se lembra do 1º Festival?
(qual se lembra?).
12. Quais apresentações que mais te marcaram?
(de que maneira?).
13. Por que o INSEF oferece aula de teatro para alunos do fundamental 2 no turno contrário das disciplinas regulares?

ANEXO 03

Plano de Aula

Exemplo simplificado do plano de aula elaborada pela professora Lidiane Carvalho. O modelo apresentado aqui faz referência ao ano de 2014. Nas aulas, o tempo destinado para cada atividade dependerá do estado dos estudantes no dia e do nível da turma, seja novatos ou intermediários.

Data	Eventos Apresentações	Planejamento de Aula
31/01	Aula experimental Aula aberta para que todos os estudantes interessados conheçam a aula de teatro no INSEF em Cena.	Apresentações – Prof. Para estudantes e Estudantes para professora. Lista de presença. Desenvolvimento aula - Aquecimento: Andar pelo espaço; estabelecer contato/ foco/concentração; trabalho em grupo, solução de problemas (30 minutos). Jogos: Em roda, zip-zap (20 minutos). Parte de um todo, profissão (20 minutos). Retorno: Conversa aberta (15 minutos). Avisos: Matrícula (5 minutos).
07/02	1º Aula do ano Primeira aula com as turmas fechadas, manhã e tarde, média de 20 alunos por turma.	Apresentações – Prof. Para estudantes e Estudantes para professora. Lista de presença. Desenvolvimento da aula - Aquecimento: Andar pelo espaço; estabelecer contato/ foco/concentração; trabalho em grupo, solução de problemas (30 minutos). Jogos: Em roda, nomes próprios e frutas (20 minutos). Parte de um todo, atividade, ação (20 minutos). Retorno: Conversa aberta. Buscar deixar o foco em 100% nos jogos (15 minutos). Avisos: Matrícula, roupa adequada, apresentações, garrafa de água, pontualidade, caderno para anotações, compromisso (5 minutos).
14/02	2º Aula Aula normal para duas turmas, sendo que uma das três será escolhida para apresentar o INSEFÉ 1º Ensaio INSEFÉ	Apresentações – Prof. Para estudantes e Estudantes para professora. Lista de presença. Desenvolvimento da aula - Aquecimento: Andar pelo espaço; estabelecer contato/ foco/concentração; trabalho em grupo, solução de problemas (30 minutos). Jogos: 2 Grupos, observação. Espelho. Siga o seguidor. (45 minutos). Retorno: Estar atendo no espaço, no grupo e em mim (10 minutos). Avisos: Roupa adequada, apresentações, garrafa de água, pontualidade, caderno para anotações, compromisso (5 minutos). INSEFÉ Apresentação do vídeo – Emanuel Exposição de ideias, divisão de personagens, possibilidades de encenação e etc.

ANEXO 04

Regulamento do Festival de Teatro INSEF em Cena

As aulas de teatro, além de despertar e valorizar as artes cênicas e as demais artes, conduz o educando a descobrir as potencialidades que trazem consigo, de se redescobrir e de se recriar a todo instante. O Festival de Teatro INSEF em Cena é um ato artístico realizado no segundo semestre do ano, que culmina o encontro de pais, escola e estudantes, para a valorização da arte. O objetivo é fazer com que o teatro seja uma arte cada vez mais próxima de todos, além de ser o evento em que concluímos as atividades das aulas de teatro do ano letivo.

CrITÉrios do Professor:

- A professora é responsável em tirar DÚVIDAS em sala de aula e DIRECIONAR as propostas de cena, durante o processo de criação DO ALUNO;
- As aulas do teatro devem ser voltadas para a ampliação do olhar artístico do estudante, para os projetos da escola assim como o Festival, servindo como o primeiro impulso para que o participante tenha condições de elaborar cenas, personagens, etc.;
- No dia do evento a professora será o apoio dos alunos, não fazendo parte do júri, mas sim da organização e montagem das cenas.

Ao Participante:

- NÃO será imposto tema central para que o participante construa sua cena;
- O tempo máximo destinado a cada cena será de 5 minutos;
- Deve-se usar de vários recursos para montar sua cena. Sendo de inteira responsabilidade do participante os elementos de cena, figurino, cenário ou maquiagem;
- Será DESCLASSIFICADO o participante que se atrasar para apresentar-se quando anunciado ou ultrapassar o tempo máximo de 5 minutos. Portanto,

TODOS devem estar prontos para apresentar assim que começar o Festival;

- A professora e a escola não se responsabilizarão por temas, cenas, figurinos ou textos REPETIDOS. Sendo de inteira responsabilidade o uso de criatividade por cada aluno;
- No dia do Festival os participantes deverão estar no teatro às 14 h pontualmente, para a realização do ensaio geral. Permanecendo no teatro até o evento.

Critérios a serem AVALIADOS:

- Um mês antes do Festival haverá uma seleção de candidatos para as devidas categorias: cenas individuais e cenas em grupo com no máximo 4 integrantes;
- Os jurados avaliarão elementos básicos de teatro, tais como: **interpretação, utilização do espaço cênico, presença de palco, tempo respeitado, criatividade, escolha do tema ou cena, figurino, cenário, etc.;**
- Figurino e cenário são OBRIGATÓRIOS, visto que estes fazem parte dos elementos do teatro e influenciam diretamente a cena. A professora estará disponível para contribuir com sugestões;

Inscrições:

- A seleção terá como jurada a professora de teatro (Lidiane Carvalho) e uma jurada convidada (Adni Rocha), graduada em Artes Cênicas da Universidade de Brasília;
- O nome da cena deve ser informado no dia da seleção;
- Todo o processo de seleção será na sexta-feira, no auditório e no horário da aula de teatro;
- A data será informada a todos com antecedência.

Premiação:

- Serão premiados aqueles que se destacarem como: **melhor atriz e melhor ator em três colocações, melhor figurino, melhor cenário, criatividade, três melhores cenas em grupo e revelação da noite.** Totalizando 13 premiações;
- Será entregue um prêmio simbólico para TODOS os participantes;
- A divulgação dos prêmios não ocorrerá antes do Festival.

Outros:

- Os apresentadores do Festival serão ex alunos do teatro INSEF em Cena.
- Todas as fotos e vídeos do resultado do Festival poderão ser divulgados e apresentados como material do INSEF em Cena pela escola.
- Todos: familiares, amigos, comunidade estão convidados para o festival.
- O valor do ingresso será de 10,00 reais – preço único.
- Os ingressos serão vendidos no mês de outubro pela escola, e o dinheiro será destinado aos gastos da organização do festival, tais como: aluguel do teatro, prêmios, técnico de iluminação, arte gráfica, etc.